
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA E GESTÃO SOCIAL, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DA BAHIA

DENISE RIBEIRO DE ALMEIDA [deniserib@gmail.com]

Recebido em 10/janeiro/2014
Aprovado em 20/maio/2014
Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o relato da experiência como uma das docentes responsáveis pelas disciplinas denominadas “Contextualização Social, Política e Econômica da Realidade Brasileira” e “Estratégias de Desenvolvimento Socioterritorial”, do curso de Gestão Pública e Gestão Social, da Universidade Federal da Bahia, no decorrer de 2013. A inserção dos discentes em campo ocorreu no distrito de Caboto, sendo operacionalizada como atividade avaliativa obrigatória de ambas as disciplinas. Partiu de reflexões teórico-práticas promovidas em sala de aula com o grupo de alunos regularmente matriculados sobre as diferentes dimensões do território no processo de desenvolvimento local, através das quais procurei demonstrar a relevância do trabalho de campo na construção do conhecimento aplicado às demandas de uma comunidade específica, assim como as dificuldades enfrentadas na apropriação desta complexa relação. Concluí que os discentes, de maneira geral, apropriaram-se mais facilmente dos conteúdos teóricos abstratos trabalhados a partir de sua vivência prática em campo, apropriação esta sistematizada em Relatório Técnico de produção coletiva docente e discente.

PALAVRAS-CHAVE: Relação teoria e prática. Prática de ensino. Território

1 INTRODUÇÃO

Considero que um dos mais indesejáveis frutos da ainda hegemônica presença do modelo positivista na condução das atividades de ensino-pesquisa-extensão nos cursos de graduação brasileiros, notadamente naqueles alocados na área das Ciências Sociais, seja o afastamento da teoria trabalhada em sala de aula, em relação à vivência prática fornecida pela realização de diferentes atividades de campo ofertadas ao longo da sua formação. Contudo, destaco que esta prática perversa tem de alguma forma se modificado a partir de experiências inovadoras de ensino empreendidas em diversas universidades brasileiras.

Assim, como afirma Minayo (1994), os docentes brasileiros assumem de forma cada vez mais consistente que há a necessidade de se utilizar a pesquisa como instrumento de estímulo à condução das atividades de ensino, tornando este um novo caminho a ser trilhado pela comunidade acadêmica.

Baseada nesta concepção, como uma das docentes responsáveis pela oferta das disciplinas denominadas “Contextualização Social, Política e Econômica da Realidade Brasileira” e “Estratégias de Desenvolvimento Socioterritorial”, do curso de Graduação Tecnológica em Gestão Pública e Gestão Social (GPGS), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em associação a projeto de pesquisa próprio, para o qual foram disponibilizados institucionalmente dois bolsistas financiados pelo Programa Permanecer, optei por fazer esta experiência prática com os alunos regularmente matriculados no primeiro e quarto semestres do curso. Esta iniciativa se deu no decorrer do ano de 2013, contando com a participação

de mais de 30 discentes e de outra professora que comigo dividiu as disciplinas e que atua junto comigo no Permanecer.

Considero ainda importante destacar, que para a realização da iniciativa relatada, em muito contribuiu o caráter inovador do GPGS enquanto curso experimental no âmbito da UFBA. Pois, além de ser este o primeiro curso tecnológico da instituição, nascido quando da sua adesão ao REUNI ainda em 2007, sua concepção foi ancorada em um modelo integrado de programa. Tal característica decorre do fato de que seu surgimento se dá a partir de experiências anteriores de especialização e mestrado profissional do Programa de Desenvolvimento em Gestão Social (PDGS), programa interinstitucional em cuja concepção esta universidade, através da sua Escola de Administração, e do grupo de pesquisa denominado CIAGS teve importante participação.

Este contexto favorece a aplicação, pelos docentes do curso, na condução de diferentes disciplinas de experiências que extrapolam os limites convencionais da visão mais acadêmica, exatamente por haver forte presença de um espírito acadêmico no qual prevalece a percepção de que a “[...] a pesquisa alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (MINAYO, 1994, p.17). Em consonância com tal percepção, vivenciei, juntamente com meus alunos e colega, a experiência ora relatada.

Finalizo esta seção, pontuando que neste relato, é composto além desta breve introdução pelo quadro teórico utilizado na construção dos instrumentos de campo aplicados em dois momentos distintos com a população de Caboto; na sequência, em sua terceira sessão, apresento a forma como a experiência foi construída coletivamente; finalizo apresentando algumas considerações gerais trazidas a título de contribuições à continuidade deste trabalho, seja no âmbito do GPGS, seja em iniciativas similares de outros cursos da área das Ciências Sociais.

2 O TERRITÓRIO: DIMENSÕES E RELAÇÕES

Dou início a esta seção do trabalho apresentando alguns dos principais conceitos teóricos trabalhados como suporte para a construção do trabalho de pesquisa aqui relatado.

Creio ser importante apresentar a concepção de que o território deve ser entendido, com base em estudos de Haesbaert (2007 e 2005) e Almeida e Moura (2013), por distintas concepções complementares, trazidas pelas diferentes áreas de estudo que se dedicam à discussão desta relevante temática contemporânea. Como forma de se explicitar tais dimensões e seus respectivos focos analíticos, apresento a seguir um quadro síntese contemplando alguns dos principais campos de conhecimento que se debruçam sobre o estudo do território, assim como seus principais focos analíticos.

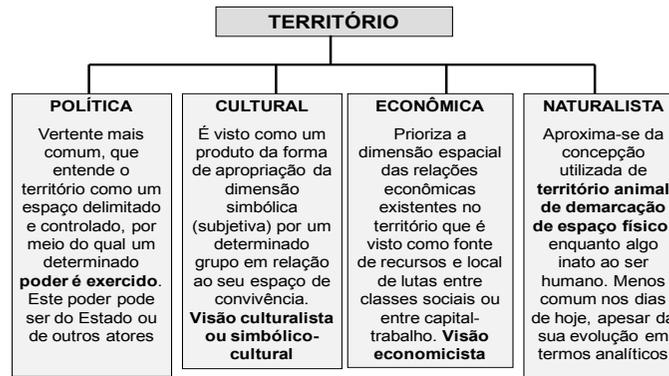
QUADRO 1 - Síntese das dimensões e focos sobre o conceito de territórios

Geografia: ênfase na materialidade em diferentes dimensões, incluindo a relação sociedade-natureza.
Ciência Política: foco nas diferentes relações de poder, priorizando, na maior parte das vezes, a perspectiva da atuação do Estado.
Economia: um dos fatores locacionais ou uma das possíveis bases da produção => força produtiva.
Antropologia: destaque para as variáveis que compõem a dimensão simbólica nas sociedades tradicionais e no neotribalismo contemporâneo.
Sociologia: foco na relação cruzada de influência entre território e diferentes relações sociais de uma dada sociedade em um sentido amplo.
Psicologia: local de construção da subjetividade ou da identidade, em diferentes escalas=> de grupos a indivíduos.

FONTE: Almeida, 2012, a partir de Haesbaert (2007).

Tomando-se por base esta perspectiva multidisciplinar da análise da dimensão territorial, considero importante explicitar suas distintas dimensões, as quais são combinadas de forma diversa segundo a área disciplinar em tela, formando um intrincado modelo com diferentes possibilidades de hibridização de acordo com o contexto estudado. Com o objetivo de favorecer à compreensão inicial em relação a tais dimensões, apresenta-se a figura a seguir.

FIGURA 1 - Dimensões conceituais do território.



FONTE: Almeida (2012), a partir de Haesbaert (2007, 2005).

Destaco que apesar da maior hibridização destas dimensões conceituais, nas análises territoriais contemporâneas ainda permanece hegemônica a visão trazida pela dimensão econômica, delimitada pela presença de autores conceitualmente ligados à corrente marxista. De toda forma, em consonância com Haesbaert (2007 e 2005) e Souza (2001), considero que o território deve ser visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual determinado grupo exerce poder em defesa dos seus próprios interesses em detrimento, muitas vezes de anseios mais amplos de outras camadas sociais, mais vulneráveis. Sinalizo ainda, que na construção do referencial teórico como os alunos, foi utilizado como conceito de território:

[...] dimensão simbólica/cultural através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (uma forma de apropriação) e uma dimensão mais concreta de caráter político-disciplinar (e político-econômico): a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 2011, p.94).

Esta concepção da presença da estreita relação território-poder também é explorada em Santos (2000), a partir da utilização da equiparação entre os conceitos de espaço e território usado, na qual o “uso”, notadamente aquele de natureza econômica, é o fator de definição das diferentes relações de poder em um dado território. A partir daí, surgem para este autor duas categorias de atores sociais que compartilham o território usado com estruturas de poder diversas e concorrentes: os hegemônicos, para quem o território usado é um recurso capaz de garantir a concretização e manutenção da concretização dos seus objetivos específicos; e os hegemonzados, para quem o território usado funciona apenas como abrigo, permitindo-lhes através da sua adaptação ao contexto dominante, sobreviver no lugar em que se encontram. Este autor também defende a presença da

hibridização dos territórios, os quais, além desta característica, passam por conta de sua historicidade, por constantes mutações que resultam do contexto vivenciado em momentos distintos da trajetória socialmente vivenciada. Destaco ainda a importância fundamental da qualidade e do nível de socialização da informação existente no processo de hibridização cada vez mais complexo e em constante mudança.

3 CABOTO: UMA VIVÊNCIA PRÁTICA

Antes de dar início ao relato da experiência aqui explorada, considero fundamental pontuar minha compreensão de que o papel de todo e qualquer docente, em concordância com Demo (2002), deve ultrapassar os estreitos limites impostos pela simples reprodução de conhecimentos tão comum nas atividades tradicionais de ensino, quando desvinculadas da pesquisa e da extensão. Considero que o papel de cada um de nós enquanto professor é de atuar de forma clara e direta como facilitadores do processo de descoberta de novos saberes por parte dos alunos com os quais temos a oportunidade de conviver a cada semestre, em nossas diferentes disciplinas. Visando ilustrar tal concepção, creio ser importante apresentar a citação a seguir para reflexão dos leitores deste trabalho.

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana. Tendo esta, como instrumento principal do processo educativo. (DEMO, 2002, p. 2).

Posto isso, inicio o relato da experiência aqui apresentado. O trabalho foi posto em curso com os 23 alunos matriculados nas disciplinas “Contextualização Social, Política e Econômica da Realidade Brasileira”, ofertada no segundo semestre da estrutura curricular do GPGS, e com os oito matriculados no componente curricular denominado “Estratégias de Desenvolvimento Socioterritorial”, do quarto semestre do curso. Objetivou-se assim, propiciar para muitos deles, pela primeira vez em sua trajetória de vida e acadêmica, condições concretas de realizarem uma pesquisa de campo. Além disso, também objetivei permitir que os alunos construíssem uma observação mais qualificada e prática sobre um território específico, tomando por base as múltiplas e complexas perspectivas analíticas envolvidas nesta análise, perspectivas estas expostas com mais detalhes na seção anterior.

A experiência viabilizou contatos formais da comunidade acadêmica do curso com, perspectivas teóricas e práticas diferentes daquelas desenvolvidas em sala de aula, garantindo maior aproximação do mundo acadêmico em relação às práticas de gestão pública e social exploradas teoricamente no espaço formal do curso.

Ponto que a escolha da localidade pesquisada foi acordada previamente pelas docentes envolvidas. Nesta opção, operacionalmente tomamos por base o fato de o distrito de Caboto localizar-se em Candeias, município pertencente à Região Metropolitana de Salvador (RMS), contexto este que permitiu o mais fácil acesso dos discentes sem que lhes fosse exigido qualquer tipo de desembolso para sua locomoção, já que a UFBA disponibilizou gratuitamente o ônibus para nosso deslocamento.

Em termos acadêmicos, consideramos que Caboto, por sua extensão e delimitação territorial, permitiria, concretamente, um olhar circunscrito que julgamos ser necessário e fundamental ao sucesso desta experiência inicial dos alunos envolvidos. Ademais, sua inegável relevância histórica e

arquitetônica para a Bahia desde os tempos do Brasil Colônia, associada ao estado de abandono em que atualmente se encontra toda esta região da RMS, motivou-nos a buscar de alguma forma estimular a produção de trabalhos que possam contribuir, ainda que de maneira preliminar, para o diagnóstico e proposta de melhorias deste cenário.

Levando-se em consideração que a análise circunscrita ao distrito estudado demandava uma série de ações para a compreensão do seu contexto histórico, a pesquisa desenvolvida, dividida em diferentes etapas, parte, teve como questões de investigação: **Como o território do Distrito de Caboto pode ser caracterizado? e Que contribuições podem ser apresentadas para o desenvolvimento socioterritorial do Distrito de Caboto?** Para responder tais questionamentos, traçou-se coletivamente como objetivo geral da pesquisa - caracterizar a apropriação e ordenação do espaço territorial – Distrito de Caboto – tendo-se ainda por objetivos específicos: a) levantar as dimensões geográficas do território estudado; b) caracterizar os indicadores econômicos e sociais que caracterizam o Distrito de Caboto; c) identificar o posicionamento do Estado, nas diferentes esferas, em relação à atuação no território; d) identificar a origem da população local, destacando os aspectos culturais e psicológicos; e) caracterizar o desenvolvimento econômico encontrado – Atividades Econômicas desenvolvidas na localidade; f) diagnosticar os principais problemas envolvidos no desenvolvimento socioterritorial local; e g) apresentar propostas de melhoria para o desenvolvimento socioterritorial local.

Aponto ainda que ao longo do trabalho desenvolvido com os alunos, enquanto docentes ressaltamos que no decorrer das diferentes etapas da pesquisa os produtos gerados deveriam ser instrumentos de socialização do conhecimento para a comunidade acadêmica, mas principalmente para a população de Caboto, perspectiva esta que infelizmente ainda acreditamos ser pouco utilizada pela comunidade científica brasileira, que tende a não dar os necessários retornos aos participantes de seus trabalhos.

A vivência ora relatada no que diz respeito aos seus aspectos metodológicos foi dividida em etapas a seguir explicitadas. O estudo partiu da pesquisa bibliográfica desenvolvida com base nos conteúdos das disciplinas “Contextualização Política, Social e Econômica do Brasil” e “Estratégias de Desenvolvimento Socioterritorial”, explorando a dimensão territorial.

Assim, considerando que o ato de realizar uma pesquisa social de qualidade deve se caracterizar por “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca” (BAGNO, 2000, p.17), avançamos em nossos trabalhos com o grupo de alunos participantes das atividades de ensino e pesquisa propostas, ampliando o escopo teórico inicialmente explorado em termos de pesquisa bibliográfica com a consulta a publicações diversas que traziam estudos de diferentes naturezas sobre a Baía de Todos os Santos, região onde está localizada a Baía de Aratu, que abriga o Distrito de Caboto. Ainda para o levantamento de dados geográficos e econômicos, empreendeu-se uma pesquisa documental nos registros do IBGE, gentilmente cedidos pela Supervisão de Disseminação de Informações - Unidade Estadual do IBGE na Bahia, em março de 2013.

Esta fase da pesquisa justificou-se pela necessidade de dar ciência aos alunos das características do território estudado, de modo que nas etapas subsequentes, a partir da consolidação do conhecimento teórico adquirido em relação aos aspectos políticos, econômicos e psicossociais do território estudado, pudessem fazer uma aproximação prática de maior qualidade em relação a esta realidade.

Creio ser importante sinalizar, que ao longo de toda a experiência aqui relatada, tivemos a preocupação de envolver os alunos de forma integral. Ou seja, eles foram participantes ativos desde o momento da elaboração do projeto, passando pela formulação dos problemas e objetivos, assim como de outros aspectos delineadores do trabalho. Destaco que a construção dos instrumentos de coleta de dados foi pensada e executada em diferentes aulas destinadas a este propósito ao longo do período letivo, sempre contando com a participação de todos os alunos [discussão coletiva]. Cada uma das contribuições foi apresentada e avaliada conjuntamente, fazendo com que pouco a pouco a pesquisa se sedimentasse e tomasse forma. Ou seja, os alunos foram partícipes ativos de todo o processo de elaboração, fugindo-se assim do tradicional modelo de incorporá-los apenas quando da aplicação dos instrumentos de pesquisa de campo.

O processo de pesquisa de campo envolveu todos os alunos matriculados em ambas as disciplinas na aplicação dos questionários, bem como na execução das entrevistas junto à liderança e empresariado local, sendo este um momento vivencial muito rico para todos os envolvidos. A aplicação dos instrumentos se deu no dia 16 de março de 2013, nos períodos da manhã e tarde.

O número de respondentes dos questionários - 67 no total - foi definido com a utilização do critério de acessibilidade: aqueles que aceitaram participar livremente da pesquisa, após a exposição dos objetivos da mesma. Ressalto que Thiollent (1982, p.34), diferentemente do que os autores positivistas, afirma não haver impedimento quanto à seleção dos entrevistados por acessibilidade no caso da realização de pesquisas sociais, já que não há necessidade de submeter-se o pesquisador a obediência cega de regras mecânicas. “A seleção supõe a disponibilidade do entrevistado, a qual não é previsível antes de um primeiro contato. A seleção resulta de uma avaliação da relevância ou da representatividade social (não estatística) das pessoas.” Ou seja, partícipes da comunidade. Os resultados de campo, obtidos através da aplicação do questionário, foram tabulados no software Sphinx Plus 2 e analisados pelas diferentes equipes, respeitando as dimensões definidas anteriormente.

A equipe realizou ainda entrevistas, na data anteriormente citada, tendo por respondentes, um comerciante local e uma ex-líder comunitária. Sinalizo que seguindo procedimentos metodológicos indicados por Vergara (2006) e Mattos (2005), as entrevistas, com o consentimento dos entrevistados, foram gravadas, transcritas a fim de garantir sua melhor análise através da análise de conteúdo categorial temática tomando por parâmetros as dimensões territoriais explicitadas na seção anterior deste trabalho.

Após a tabulação e disponibilização dos resultados de campo, os dados foram analisados pelas equipes, que coletivamente apropriaram as informações, frutos de suas análises, e produziram um relatório contemplando as diferentes dimensões territoriais exploradas, assim como o diagnóstico e proposta de melhorias.

Os principais achados - caracterização da população entrevistada em relação a aspectos demográficos, de residência e de atividade profissional; e do distrito de Caboto onde foram coletadas informações relativas à infraestrutura pública disponível em geral (educação, lazer, iluminação, calçamento, segurança, saúde etc) - foram sintetizados em um relatório técnico ilustrado com gráficos e tabelas que subsidiaram o processo analítico.

As entrevistas forneceram informações mais detalhadas que permitiram a complementação dos dados coletados por meio dos questionários. Sinalizo que uma informação nova que emergiu deste relatório, foi a forte demanda dos respondentes por maior nível de segurança pública em Caboto, o que fez a equipe envolvida na pesquisa a avaliar sua continuidade a partir de trabalho futuro que explore de forma mais consistente esta dimensão analítica.

Assim, considero ser esta uma experiência de ensino e aprendizagem que, a partir da minha experiência como docente, qualifico como de construção coletiva. Pontuo ainda que um aspecto que favoreceu a organização e riqueza do trabalho realizado foi a constituição multidisciplinar do grupo, que em função da oferta de vagas para outros cursos de graduação da UFBA, viabilizou a socialização do conhecimento e experiências além de entre alunos de semestres distintos do GPGS, com alunos oriundos dos cursos de Psicologia e Ciências Sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma avaliação desta experiência que buscou relacionar de maneira mais consistente as atividades de ensino às de pesquisa, deparei claramente que a execução da última atividade de certa maneira desperta inquietações naqueles indivíduos que não tiveram oportunidade de realizá-la de forma sistemática ao longo de sua trajetória acadêmica, como foi o caso da grande maioria dos discentes envolvidos.

Contudo, a forma escolhida pelos docentes responsáveis pela atividade facilitou o processo de aprendizagem empreendido pelos alunos que se sentiram seguros não somente em relação à aplicação dos instrumentos de coleta de dados, quanto principalmente no que se referiu à construção coletiva do trabalho como um todo. Tais características adéquam-se de forma satisfatória à proposta pedagógica inovadora do GPGS, a qual que se propõe a formar profissionais habilitados a não somente atuarem na gestão de instituições governamentais e sociais em nível local e regional, mas também como mediadores eticamente determinados e estrategicamente orientados à promoção do desenvolvimento de indivíduos, grupos e coletividades, bem como elaborando e empreendendo programas e projetos voltados ao desenvolvimento socioterritorial.

Reafirmo aqui minha crença de que iniciativas similares devem ser operacionalizadas em diferentes disciplinas de cursos que priorizem a intensificação da relação ensino-pesquisa como instrumento facilitador do processo de apreensão de novos conhecimentos por parte do aluno. Creio firmemente que esta prática salutar estimula o exercício do espírito crítico e capacidade analítica dos discentes, permitindo-lhes superar os limites do ensino tradicional centrado na simples transmissão de conhecimentos sob a forma de uma “rua de mão única”, onde sempre prevalece a visão e concepções do docente, inclusive por vezes vista como verdade absoluta e inquestionável.

Finalizo, apontando minha defesa pela utilização cada vez maior de iniciativas desta natureza no âmbito dos cursos da área das Ciências Sociais, como forma de se garantir a participação cada vez maior e comprometida de cada discente na sua própria formação acadêmica, profissional e pessoal, tornando-os atores responsáveis pela construção e compartilhamento do conhecimento que produzirem ao longo de sua trajetória de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Denise Ribeiro. **Notas de aula da disciplina Estratégia de Desenvolvimento Socioterritorial**, ministrada no Mestrado Interdisciplinar do CIAGS. Salvador, setembro de 2012.

_____, Denise Ribeiro e MOURA, Tânia. Distrito de Caboto: um “lugar” na Bahia de Todos os Santos? Em avaliação. Novo Hamburgo: **Revista Gestão e Desenvolvimento**. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. 2013.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5.ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2007.

_____, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. São Paulo, 2005, Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf. Acesso em 02 set 2012. p.6774-6792.

MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. A entrevista não estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **RAP**, Rio de Janeiro 39(4), p. 823-847, Jul./Ago. 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO; Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, Milton. O papel ativo da Geografia: um manifesto. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n.9, pp. 103-109, jul./dez 2000. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_7_santos.pdf. Acesso em 02 set 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. GOMES, Paulo César da C. CÔRREA, Roberto Lobato (org). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3. ed. São Paulo: Pólis, 1982.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.